

## CANTOS E ENCANTOS: MISTÉRIOS E SEGREDOS PERMEADOS PELA CULTURA AFRICANA

## SINGING AND ENCHANTMENT: MYSTERIES AND SECRETS PERMEATED BY THE AFRICAN CULTURE

## CANTOS Y ENCANTOS: MISTERIOS Y SECRETOS IMPREGNADOS POR LA CULTURA AFRICANA

Selma Simões Scuro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nos contos *Inundação* do livro *O fio das Missangas* e *A cantadeira* do livro *Na berna de nenhuma estrada*, o canto aparece como princípio fundamental capaz de trazer a pessoa amada. O objetivo desse artigo é analisar o canto em ambos os contos e a força sonora dessas cantigas que apresentam o poder de atrair uma divindade específica assegurando a comunicação com o sobrenatural.

**ABSTRACT:** The story *Inundação* belonging to the book *O fio das Missangas* and *A cantadeira* from the book *Na berna de nenhuma Estrada*, the singing appears as the main object able to bring the beloved person. The purpose of this article is to analyze the singing in both stories and the sound energy of these singings which presents the power of attracting a specific divinity ensuring the communication with the supernatural.

**RESUMEN:** En los cuentos *Inundación*, del libro *O fio das Missangas*, y *A cantadeira*, del libro *Na berna de nenhuma estrada*, el canto aparece como principio fundamental capaz de traer de vuelta a la persona amada. El objetivo de este artículo es analizar el canto en ambos cuentos y la fuerza sonora de estos cantares que presentan el poder de atraer una divinidad específica asegurando la comunicación con lo sobrenatural.

---

1 Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC. Integrante do Grupo de Pesquisa Produções Literárias para crianças e jovens, FFLCH/USP.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mia Couto; canto; encanto; mistério; divindade.

**KEYWORDS:** Mia Couto; singing; enchantment; Mystery; divinity.

**PALABRAS CLAVE:** Mia Couto; canto; encanto; misterio; divinidad.

### Algumas notas sobre o autor Mia Couto

Mia Couto é o pseudônimo de Antônio Emilio Leite Couto, filho de emigrantes portugueses, nascido no dia 5 de julho de 1955 na cidade de Beira em Moçambique, na África. O pseudônimo “Mia” surgiu pelo fato de seu irmão não conseguir pronunciar corretamente “Emilio” e pelo amor que sentia por gatos.

Atualmente, Mia Couto é membro da Academia de Letras e autor de mais de trinta livros entre poesia e prosa. Recebeu vários prêmios literários e, em 2013, foi o vencedor do prêmio Camões.

Mia Couto recria Moçambique após um longo período de guerra no seu livro de conto *Estórias abesonhadas*, enquanto o mundo mágico e obscuro, o universo fantástico, encantatório e sobrenatural, convivem em perfeita harmonia com o cotidiano nas tramas nos contos *O fio das Missangas* e *Na berna de nenhuma estrada*.

O livro *O fio das Missangas*, lançado em 2003, é composto de 29 contos; as histórias são breves e as personagens, múltiplas. Na coletânea *Na berna de nenhuma estrada*, que fora publicado em 2001, Couto reuniu 38 textos curtos nos quais tudo é encantatório e enigmático. Nos contos *Inundação* e *A cantadeira*, o moçambicano Mia Couto, apropria-se da escrita entrelaçando pedaços da vida cotidiana com o universo mágico e inexplicável permeado pela cultura africana.

### Uma análise sobre os cantos miacoutianos nos contos *Inundação* e *A cantadeira*

O conto *Inundação* é permeado por traços da hegemonia da cultura africana. A África compreende uma visão animista em que um ser criador está presente em tudo o que nos cerca; ou seja, todas as manifestações da natureza nos animais, no vento, nas águas e nas florestas todos os elementos da natureza são providos de vida e alma.

O pensamento africano contempla a possibilidade de acesso às questões espirituais com o intuito de acalantar e solucionar os tormentos que afligem o indivíduo carnal. Para tanto, a cultura africana possui o hábito de cultuar os orixás, compreendido pela tradição ioruba que hoje se situam na Nigéria, Benim e Tongo, como divindades espirituais presentes na origem do mundo.

Essa hegemonia da cultura africana está muito presente no conto *Inundação*, a começar pelo o título do livro *O fio das Missangas*. Conforme Ramos (2011) no seu livro *Reverendo o Candomblé*, o fio de contas na cultura ioruba é considerado um elemento litúrgico com a habilidade de aproximar as divindades dos seres humanos de maneira tão estreita, unindo-os como o cordão umbilical. Quanto ao nome do conto *Inundação*, a água também é um elemento de grande importância dentro dessa cultura e está relacionada à fertilidade, à essência feminina e ao ato de gerar a vida.

Segundo a ritualística africana, as cantigas são destinadas a um orixá; e o ato de repetição tem por objetivo impregnar o local, atraindo a energia de uma determinada divindade louvando-a e encantando-a. Cossard (2006) no seu livro *Awô o mistério dos Orixás*, explica que as cantigas revelam uma importância nos rituais africanos; elas atuam como verdadeiros mantras, invocando os Orixás e, dentre eles, alguns responsáveis pela comunicação entre os homens e o mundo sobrenatural.

Com o intuito de esclarecer melhor essa questão, a cultura africana compreende que existe um deus supremo “Olodumarê” que controla o mundo, mas está muito distante para se importar com os homens, então, concedeu ascendência a seus ministros, os Orixás. O “orixá”, dentro da cultura ioruba, significa “a divindade que habita a cabeça” (em ioruba, “ori” é cabeça, enquanto “xá”, rei, divindade) (JUNIOR, 2015, p. 20). Cada orixá divide as forças da natureza; “no espaço (água, lama, terra, fogo, pedra, metais), suas

manifestações (chuva, raio, trovão, arco-íris), o mundo vegetal e o mundo animal (homens e animais)” (COSSARD, 2014, p. 35).

No conto *Inundação*, o ato de cantar da mãe é o instrumento para o chamado do pai “Bastava que a voz de minha mãe em canto se escutasse para que, o mais lúcido meio dia, se fechasse a noite” (COUTO, 2015, p. 25). Certa vez o filho vem a escutar um choro “delgadinho”; era a sua mãe que tristemente dizia: “(...) Vosso pai já não é meu (... ) Ele foi. Tudo foi...”

Desde então, a mãe passou a não querer mais dormir no leito, preferindo dormir no chão, uma vez que a “*cama era engolidora de saudade*”; para ela, seria melhor guardar aquela saudade. Certa noite, o filho com dificuldades para dormir, toma a decisão de ir até o quarto de seus pais e, na penumbra, percebe a sua mãe com o lençol até a cabeça. O menino aproxima-se para acordá-la e ela lhe diz:

— Não faça barulho, meu filho. Não acorde seu pai.

— Meu pai?

— Seu pai está aqui, muito comigo.

(COUTO, 2015, p. 26)

Analisando este conto sob a perspectiva da mitologia dos Orixás (PRANDI, 2015) cada Orixá possui uma particularidade, “Oxumarê” é um Orixá que não gosta de chuva, com sua faca de bronze, aponta para o céu e faz brilhar o arco-íris. Essa divindade também é um Orixá que mora no céu e vem para a terra por meio do arco-íris; carrega a água dos mares para o céu, para a formação das chuvas e toda essa máxima sintetiza a sua duplicidade.

Oxumarê é uma divindade dupla, está vinculada à terra e à água, condensando a união de opostos que se atraem e se complementam, concedendo a continuidade da vida e do universo. Oxumarê carrega uma grande cobra que representa o movimento, a continuidade do ciclo vital. Sua essência é o movimento, a fertilidade e a continuidade da vida. Essa divindade possibilita a comunicação entre o céu e a terra, entre o mundo sobrenatural e o

mundo dos homens e é por meio dessa dialética entre esses opostos que se complementam e que se evidencia a ideia da continuidade do ciclo revelada por esse Orixá.

Sob essa ótica religiosa africana, compreende-se que determinado canto evoca um Orixá à terra e cada um deles detém uma determinada especificidade. No conto *Inundação*, a mãe consegue apagar a ausência do pai, e o seu ‘cantar’, vem a ser o elemento fundamental para esse chamamento quando ela explica ao filho:

— Como eu o chamei, quer saber?

Tinha sido o seu cantar. Que eu não tinha notado, porque o fizera em surdina. Mas ela cantara, sem parar, desde que ele saíra. E agora, olhando o chão da cozinha, ela dizia:

— Talvez a minha voz seja um pano, sim, um pano que limpa o tempo (COUTO, 2015, p. 27).

Comprova-se assim que o canto neste conto *Inundação* opera como uma invocação, um apagamento da ausência do pai, reacendendo a sua presença.

Fazendo um cotejamento, o “canto miacoutiano” é o objeto fundamental de chamamento em *A Cantadeira*, um dos contos do livro *Na berna de nenhuma estrada*. Nesse conto, a jovem ‘cantadeira’ considera que “*cantar é um afastamento da morte. A voz suspende o passo da morte, e tudo em volta se torna pegada da vida*”. A sua voz atraiu um peroleiro que acendeu a sua vida, mas num certo momento ele embarcou para as ilhas. Em sua despedida, o peroleiro pede que a moça cante ao invés de chorar e também deseja que ela cante para que ele possa retornar.

A vida da moça torna-se um “esperadouro” e para sempre lhe ficara o abraço, quando finalmente aparece um pescador e lhe dá uma pérola e ela então diz: “– Foi quando? – Enterraram-no”. O pescador silencioso se retira e a moça sozinha e aflita escuta a voz do peroleiro:

— Cante! Cante aquela canção em que eu parti.

E lanço, sem força, os acordes dessa antiga melodia. E me inespere quando noto que mensageiro regressa, arrepiado do caminho que tomara. No seu rosto se acendia o espanto de me escutar, como se, em mim, voz e peito se houvesse reencontrado (COUTO, 2015, p. 119).

Em ambos os contos *Inundação e a Cantadeira*, o canto aparece como o elemento essencial, capaz de trazer a pessoa amada. Esse canto miacoutiano traz consigo muitos mistérios e segredos, com a capacidade de apagar as ausências em prol da presença.

Compreende-se a importância e a força das cantigas, que ao serem executadas repetidamente, operam como um mantra. E essa força sonora exerce grande poder: penetra o ambiente com determinadas energias atraindo assim a vibração de uma divindade específica, assegurando dessa maneira a comunicação com o mundo sobrenatural.

O canto aparece de forma encantatória e misteriosa, acompanhado de uma divindade que carrega os opostos dentro de si: macho e fêmea, bem mal, dia e noite, afirmando assim o seu arquétipo.

Esta divindade cujo nome é Oxumarê está ligada ao misterioso e tudo o que envolve a ideia do além, do destino e dos poderes dos homens é renovação contínua em todos os aspectos da vida de um ser, é o acesso dos homens com os antepassados, é o canto e encanto, o mistério e o segredo, permeados pela cultura africana.

### Referências

COSSARD, Gisèle Omindarewá. *AWÔ. O Mistério dos Orixás*. São Paulo: Pallas, 2006.

COUTO, Mia. *O Fio das Missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COUTO, Mia. *Na berna de nenhuma estrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

JÚNIOR, Ademir Barbosa. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Anúbis, 2015.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RAMOS, Eurico. *Reverendo o Candomblé*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.